

UMA MANOBRA INSURGENTE

A ocupação de duas edificações industriais desativadas pela comunidade skatista em Uberlândia/MG

THE TRICK CLASHES WITH THE EMPTY.
The occupation of two derelict industrial buildings in Uberlândia/MG by the skateboarding community

Luiz Carlos de Laurentiz¹ e Alexandre Luiz Greco²

Resumo

O artigo analisa duas ocupações sucessivas em edificações industriais desativadas, realizadas pela comunidade skatista na cidade de Uberlândia/MG. A primeira ocorreu no armazém atacadista Casa Uberlândia, e a segunda, no porto seco/silo Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas (CASEMG), ambas edificações abandonadas antes dos anos 2000. A comunidade skateboarding ocupou, interferiu e reinterpretou esses espaços industriais vazios, utilizando práticas culturais insurgentes como possibilidade experimental para a produção da cidade em sentidos opostos à segregação espacial. Essas ocupações validam a construção de uma identidade transformadora da paisagem e da vida urbana, ao fomentar o potencial do patrimônio industrial e sua continuidade social, cultural e política.

Palavras-chave: skate, antropologia urbana, patrimônio industrial, Galpão-DIY, cidadinidade.

Abstract

This article analyzes two successive occupations of abandoned industrial buildings carried out by the skateboarding community in the city of Uberlândia/MG/Brazil. The occupation of the former wholesale warehouse Casa Uberlândia and the garner Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas (CASEMG), both derelict for over two decades. The local skateboarding community occupied, intervened in, and reinterpreted these empty industrial spaces by employing insurgent cultural practices as an experimental possibility for city production, in opposition to spatial segregation. This occupation powerful the construction of a identity not only of the landscape, but also of urban life, fostering the potential of industrial heritage and its social, cultural, and political continuity.

Keywords: skateboarding, urban anthropology, industrial heritage, Galpão-DIY, urban citizenship

Introdução

Essencialmente, a prática do skate de rua é uma manifestação utópica e insurgente. Ao negar a cidade como produto da alienação com o capital e ao produzir a sua própria rede de lugares, a comunidade skatista constitui uma camada da cidade como obra:

A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é o valor de uso e o produto o valor de troca (Lefebvre, 1968, p. 33).

Vamos às apresentações das duas edificações industriais uberlandenses que estavam abandonadas e foram ocupadas e ressignificadas por skatistas, em dois momentos dentro da história contemporânea da cidade de Uberlândia/MG. Para tal intuito, usamos o vocabulário da coletividade skatista. Assim, a primeira das edificações é conhecida e reconhecida como antigo Galpão-DIY e a outra é apelidada de novo Galpão-DIY.

O antigo Galpão-DIY, originalmente, foi o estabelecimento atacadista de secos e molhados Armazém Uberlândia Aliança, no bairro Brasil que, no final da década de 1990, encerrou suas atividades por falência, deixando o imóvel de cerca de 12.000 m² à deriva entre o abandono e a inadimplência tributária. Até que, entre 2007 e 2023, se desenvolve um processo de ocupação espontânea pelos/as skatistas e outras coletividades adjacentes, pessoas curiosas e simpatizantes.

A ocupação sucessora, o novo Galpão-DIY, foi iniciada em 2023, a cerca de 3km do antigo Galpão-DIY, em outro bairro da cidade, no porto seco/silo abandonado do Distrito Industrial da cidade (de nome jurídico), CASEMG (Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas). A estatal foi instalada em duas glebas que somam uma área com cerca de 80.000 m² e encerrou suas atividades em 1998, impactando diretamente os bairros do entorno, o Minas Gerais, ao norte e Nossa Senhora das Graças, ao sul.

Uma etnografia urbana realizada entre os anos de 2021 e 2023³ revelou que a prática do skate de rua em Uberlândia é um agente participativo da produção da cidade e da democratização dos espaços públicos. Cada agente dessa comunidade é portador de uma micro-história que reflete formas de resistência, mais ou menos implicadas em um confronto cotidiano que envolve disputas de sentido e desestabilizações de representações hegemônicas.

As ocupações dos galpões industriais abandonados pelo coletivo skatista local, na segunda cidade mais populosa de Minas Gerais (713.232 habitantes - IBGE, 2020), expressam a performance do corpo consciente de si mesmo, na cidade e para a cidade. Essas ocupações representam uma possibilidade, ainda que efêmera, do corpo em uma dimensão onde a cidadania não está ligada ao poder de consumo.

¹ Pós-Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História (UFSJ/2024). Doutor em Comunicação e Cultura (UFBA/2006). Mestre em Tecnologia do Ambiente Construído (EESC-USP/1987). Graduado em Arquitetura e Urbanismo (OMEC/1978).

² Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFU/2024). Graduado em Artes Visuais (UFU/2009).

³ Este artigo é parte da dissertação de mestrado, *Uma manobra insurgente: produção e democratização da cidade pela comunidade skatista em Uberlândia/MG*, pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia. Orientada por *Luiz Carlos de Laurentiz* e defendida em 18/10/2024. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/44949>>

Figura 1 – Vista do porto seco/silo abandonado (CASEMG), A área em destaque, com 6.500 m², é o pico novo Galpão-DIY. Distrito Industrial Uberlândia/MG, setembro de 2024. Fonte: Fotografia Geneir Silva da Costa.



Os *picos de rua*⁴ configuram uma rede de lugares que se comporta como uma veladura dissidente no tecido urbano. E, as ocupações e intervenções aproveitam oportunidades e situações já existentes na cidade para a produção de lugares por meio do agenciamento construtivo chamado de *DIY*⁵. Além de serem ótimos para o encontro e para patinar, os *picos de rua* também promovem uma suavização das desigualdades sociais e da segregação urbana, o que pode ser interpretado como um esboço do direito à cidade.

Isso ocorre na medida em que os *picos de rua* proporcionam o encontro, não apenas como lúdico e como forma de protesto e reivindicação por políticas públicas, mas vão além. Essas ocupações são “um grito e uma demanda” (Lefebvre, 1968, p. 147) que materializam temporariamente a ideia revolucionária de um espaço social e político, onde as pessoas participam na formação e transformação do ambiente urbano.

A fonte do financiamento dessas obras provém do rateio de despesas realizado pela própria *galera skatista*, por meio de *vakinhas* solidárias e festas no *pedaço*; além de outras formas, como patrocínios, premiações e de doações⁶.

Trata-se de um movimento potente que catalisa poéticas marginais e insurgências direcionadas à construção de novas possibilidades de refuncionalização de galpões industriais desativados.

4 Os *picos de rua* constituem unidades de uma rede de ocupações promovidas pela comunidade skatista — o coletivo interpreta sistematicamente a cidade por meio de intervenções mais ou menos permanentes, com diferentes níveis de interferência construtiva e ações performáticas.

5 A sigla *DIY* refere-se à expressão *do it yourself*, termo nativo para as práticas construtivas de canteiro de obra que envolvem a modificação do mobiliário urbano por meio de recursos e agendas coletivas voltadas para a produção de lugares. Essa prática retoma a década de 1960, na Califórnia, quando, comunidades skatistas passaram a invadir e modificar piscinas abandonadas como forma de criar lugares para o encontro e prática do *skateboarding*.

6 Para o nosso estudo de caso, destacamos o financiamento proveniente do comércio local: *Mucuinshop*, *420street* e *FoxClub*; para a premiação: Melhores do ano 2021 (reconhecida pela *CBSk - Confederação Brasileira de Skateboarding*) e as doações de apoiadores e simpatizantes, dentre outras fontes,

A organização da comunidade para ações de produção, manutenção e ampliação desses lugares ocorre de forma descentralizada, anárquica e espontânea. Não há uma liderança que represente o coletivo; o que existe é um engajamento orgânico e espontâneo de indivíduos, que se mobilizam conforme suas disponibilidades e potencialidades.

Cada indivíduo da comunidade age como uma força vetor apontada para a refuncionalização desses corpos industriais, por meio de intervenções culturais e artísticas – a performance com o skate e a prática social *DIY*, o *pixo* e a música (*rap* e *funk*).

(...) você pode imaginar o preço de toda essa ferragem dos obstáculos? Uma parte vem de ferro velho mesmo, tem cantoneira de *metalon* mas tem muito perfil tubular que tem que passar pela calandra, para dar a curva certinha. (...) e está vendo que as paredes estão todas esburacadas? São utilizadas para rechear os obstáculos (...). *DIY* é isso (...) nós por nós (MC. ASA da Leste, 2021).

O termo *DIY* (pronunciado em inglês) aparece tanto nos diálogos e nas narrativas da comunidade quanto no nome das ocupações que ela realiza. Além do antigo Galpão-DIY e do novo Galpão-DIY, que são objeto de análise neste artigo, também foram inventariadas outras ocupações na cidade de Uberlândia/MG: Estação-DIY, Pampulha-DIY e Tibery-DIY. Essas, no entanto, não serão abordadas no presente estudo.

O conceito *punk* de “faça você mesmo!” engloba não apenas a produção de obstáculos⁷, mas também, abrange a organização autônoma de torneios e encontros, que são produzidos pela comunidade de maneira horizontal. Esses eventos ocorrem de maneira regular e são notáveis por sua gestão logística e integração social, agrupando jovens de todas as partes da cidade.

Foram registrados pela etnografia, entre 2021 e 2023, o *DIY por amor*, o *Acolhimento de atividades do Instituto Viva Íris*, o *Best Trick*, o *King of Galpão*, o *Gaming of Skate*, o *Go Skateboarding Day*, o *Festival de Graffiti*, a *Batalha de Rima*, o *Desafio de Rua*, o *POINT*, o *SunSet*, o *Under Sesh*, o *Best Trick Jam Session* e o *UFLOW!*

(...) o ponto de luz para o equipamento de som e para recarregar os celulares, o megafone e o que mais precisar é do gerador de energia à gasolina. O mesmo esquema da *Batalha da ZO* (...) os banheiros químicos locados com as tendas e as cadeiras, a montagem e desmontagem, cone, lona, água com vários galões de 20 litros tudo, tudo (...) é por nossa conta (Guz, 2023).

Pertencer a um *pico*, ou no termo nativo *ser local*⁸, significa também ser reconhecido e dispor de uma referência concreta, visível e estável. Ser *local* de um *pico* é tirar o corpo da invisibilidade.

7 Obstáculo é um termo geral utilizado para designar os elementos estruturais empregados na realização de manobras e truques com um *skateboarding*. Esses obstáculos podem ser parte do mobiliário urbano, modificados ou não, como escadas, corrimãos, bancos, muros, ladeiras; ou podem ser construídos especificamente para a prática do skate, como rampas, *quarter*, caixotes, *spines* entre outros. Os obstáculos são essenciais para a prática, pois oferecem possibilidades criativas para que os/as skatistas desenvolvam sua performance.

8 Termo nativo para designar o membro pertencente a uma comunidade específica.

Figura 4 – Mapa da Bacia de Acumulação Salto-Rio Santa Cruz e Colônia de Férias. Fonte: Imagem fornecida pela CEEE-G/CSN Porto Alegre. Demarcada em vermelho, a área ampliada e a estrutura de contenção da Barragem do Salto. Figura 5 – Mapa da Colônia de Férias. Fonte: Imagem fornecida pela CEEE-G/CSN Porto Alegre. Demarcada em vermelho, a estrutura de contenção da Barragem do Salto.



É no dia a dia que se tece a trama cotidiana da prática do skate de rua, na superação dos obstáculos, na fruição criativa, na troca de experiências e vivências, e na busca pelo direito à cidade. Para o skatista veterano, “é na rua que se aprende a andar de skate de verdade (...) e é muito mais sobre respeito do que sobre dar uma montanha de pirueta” (A. Choquito, 2022).

Esse é o caráter territorial da categoria skate de rua. Em sua maioria, a comunidade skatista é formada por jovens, pobres e portadores de uma cidadania precária. E, detentores de corpos que carregam marcadores sociais considerados indesejáveis fora do território dos *picos*.

A seguir, o depoimento de L. Cento e Oitenta, skatista *local* do Galpão-DIY, para o documentário *DOCSkateUdi*, 2022.

O skate salva a minha vida todos os dias. Salva a dos meus irmãos, dos meus amigos. O skate me trouxe a humildade e a vivência que a escola, a vida, a família e a religião nunca me trariam. O skate me tornou uma pessoa que nenhum dos pilares da sociedade ia me apresentar o caminho para eu chegar onde eu estou hoje. (...) Porque o skate me deu perseverança, me deu força de vontade. Ah, mano, o mundo está acabando aqui dentro de mim, mas no skate eu consigo ser melhor. (...) (DOCSkateUdi, 2022, 46 min).

Há outro depoimento pertinente:

(...) é um presente, uma benção, entende? ter esse pessoal na sua vida que não é sua família te dando esse apoio entende? alimentando essas coisas maravilhosas que eles te alimentam pelo amor ao skate. Isso não dá pra comprar (...) Por que eles falam família é tudo, não é não. Eu não tenho família. Pra quem não tem família, amigo é tudo. *Friendship are everything*. E vocês são meu *everything* entende? E eu estou contente que eu tenho uma família aqui mas é o skate que me deu essa família aqui. É por isso que volta tudo para *thank you skateboard*, entende? É isso (...). Se você falar pra mim que

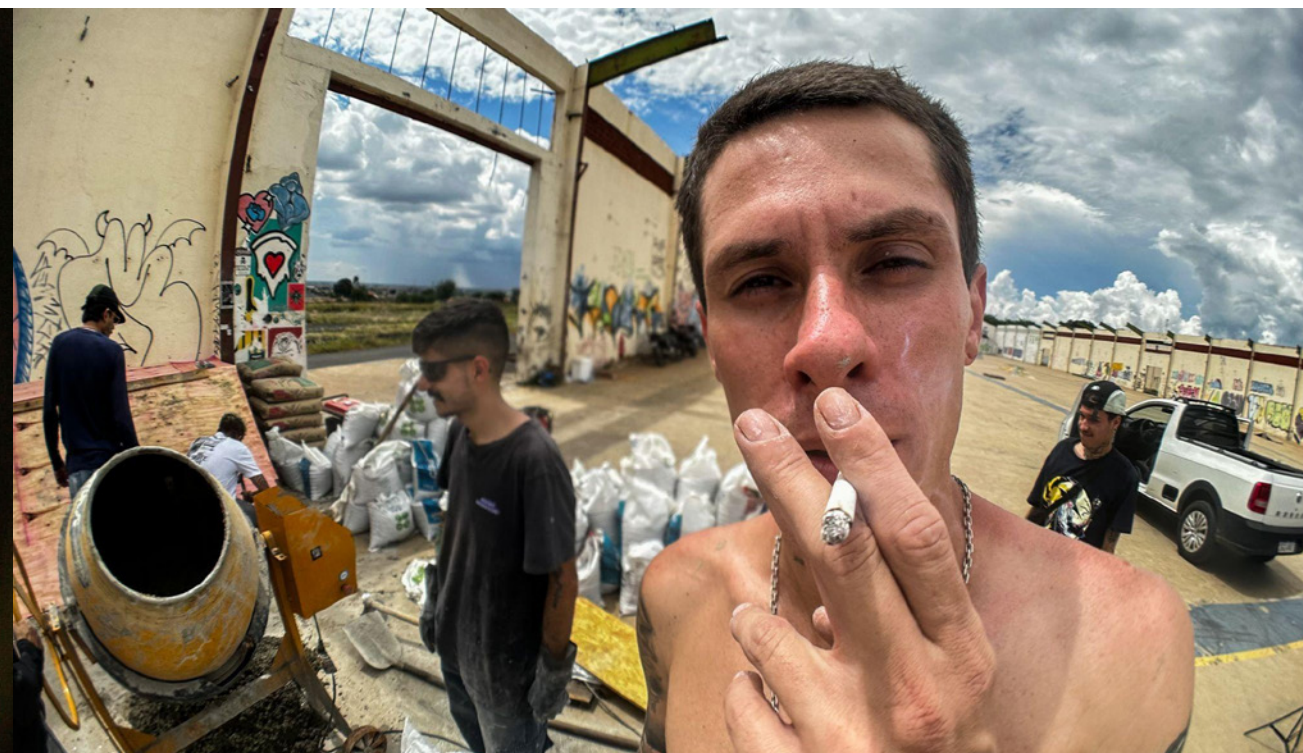


Figura 3 - Produção do obstáculo China Banks, no Novo Galpão-DIY, projetado e executado pela associação dos coletivos skatistas Pedreiragem e Black Media. Fonte: Fotografia cedida por Marcelo Mug. Verão de 2023.

ia pôr o pé nessa madeira (segura o skate com naturalidade e olha fixamente pra ele) e ia viajar o mundo inteiro, os cara ia falar: vc tá brincando? mas tem gente que já fez e eu vi. É isso que é a beleza! É a caminhada. Pra gente que não teve nada na vida, isso é tudo, entende? E pra acreditar nisso aqui (aponta para o skate no chão). Porra! é!!! Você viaja o mundo leva o skate com você ai você volta e traz alguma coisa pra onde você veio por causa do skate. É isso meu. Vocês me inspiram muito mais que os caras da gringa. (H. Jun, 2022).

A cidade plástica

A destruição do antigo Galpão-DIY feriu o coração de muita gente. Em um breve histórico do que aconteceu: na manhã do 8 de março de 2023, máquinas de demolição que, tanto balizavam em frente à entrada do Galpão-DIY/Armazém Uberlândia Aliança, quanto buscavam intimidar a entrada do grupo skatista ao seu interior. Por fim, adentraram o *pico* e destruíram a *borda do Jacaré*⁹.

Pelas redes sociais¹⁰ e pelo telefone (grupos de *whatsapp*), skatistas, artistas visuais urbanos e *rappers* se manifestaram em protesto. As publicações com fotografias e vídeos de celulares impulsionaram a presença crescente de pessoas no local, inclusive, a imprensa, rádios e canais de TV, junto de fotógrafos, videomakers, músicos, urbanistas, construtores, jornalistas, escritores, ambientalistas, políticos engajados à causa, estudantes e simpatizantes da sociedade civil.

9 O obstáculo do Jacaré possuía um forte valor afetivo para a comunidade. Batizado em homenagem ao skatista veterano Jacaré, o obstáculo recebeu intervenções artísticas de Dekete, grafiteiro reconhecido regionalmente e querido pela comunidade skatista. Tornou-se um símbolo da identidade local, aparecendo em diversos vídeos e revistas de skate de circulação nacional.

10 ASSOCIAÇÃO GALPÃO SKATE UBERLÂNDIA DO IT YOURSELF (AGSUDIY), Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/agsudiy/>>. Acesso em: 06 mar. 2025. GALPÃO SKATE UDIY, Facebook. Disponível em: <<https://web.facebook.com/galpaodiyudi>>. Acesso em: 06 mar 2025. GALPÃO SKATE UDIY, Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/galpaoskateudiy/>>. Acesso em: 06 mar. 2025.

Figura 4 - Escombros do antigo Galpão-DIY, semanas após a demolição. Uberlândia/MG, maio de 2023. Fonte: Fotografia cedida pela produtora de vídeo Para Para FAL Rec, abril de 2023.



Essa mobilização e resistência organizada durou menos de um mês e foi marcada por episódios de violência, repressão e retaliação. No primeiro dia de abril de 2023, reduziram em escombros o lugar eleito como o melhor da categoria no país¹¹. Mesmo sem um alvará de demolição, na manhã do *dia da mentira*, ativistas, advogados, arquitetos, curiosos, engenheiros, imprensa, polícias, políticos, prestadores de serviço, professores, skatistas e transeuntes assistiram estarrecidos, o avanço da escavadeira.

Satânicos, os representantes do executor do processo de reintegração de posse festejaram o êxito da missão bebendo café doce em copinhos de plástico. Antes da hora do almoço o lugar já estava abaixo. Destruição e segregação da/na cidade. Ainda a informar: a demolição de lugares produzidos pela ocupação de comunidades skatistas não é uma tragédia inédita. Em 2024, foram destruídos o *Beco do Valadão*, na Rua Matias Valadão, em São Paulo, e o *Pico da Dengue*, em Criciúma/SC.

As ruínas do armazém atacadista Casas Uberlândia, abandonado no final da década de 1990 e revitalizado pela comunidade skatista no período de 2007 a 2023, voltou a engordar a lista de vazios urbanos na cidade. A especulação imobiliária, enquanto expressão da lógica capitalista de produção do espaço, apaga a memória dos territórios urbanos e fragmenta os sentidos coletivos de cidade. No entanto, a prática do skate de rua contraria a segregação espacial, ampliando o campo do possível e ensaiando formas de reinvenção da vida social urbana. Mesmo com a demolição do antigo Galpão-DIY, a comunidade skatista manteve vivas suas atividades.

Em razão do piso amplo de concreto polido e dos desníveis próprios dos galpões logísticos das docas de carga e descarga, a área das ruínas da CASEMG, no distrito industrial de Uberlândia/MG, foi escolhida para dar continuidade ao *pico* demolido. A comunidade skatista já identificava o potencial de reutilização do porto seco/silo

¹¹ Melhores do ano 2021 - 100% SKATE. Prêmio em dinheiro no valor de R\$22.000,00 concedido ao Antigo Galpão-DIY como melhor pista auto construída no Brasil no ano de 2021. A premiação é reconhecida pela CBSk (Confederação Brasileira de Skateboarding) que é a entidade que regulamenta o desenvolvimento do Skate no território brasileiro.

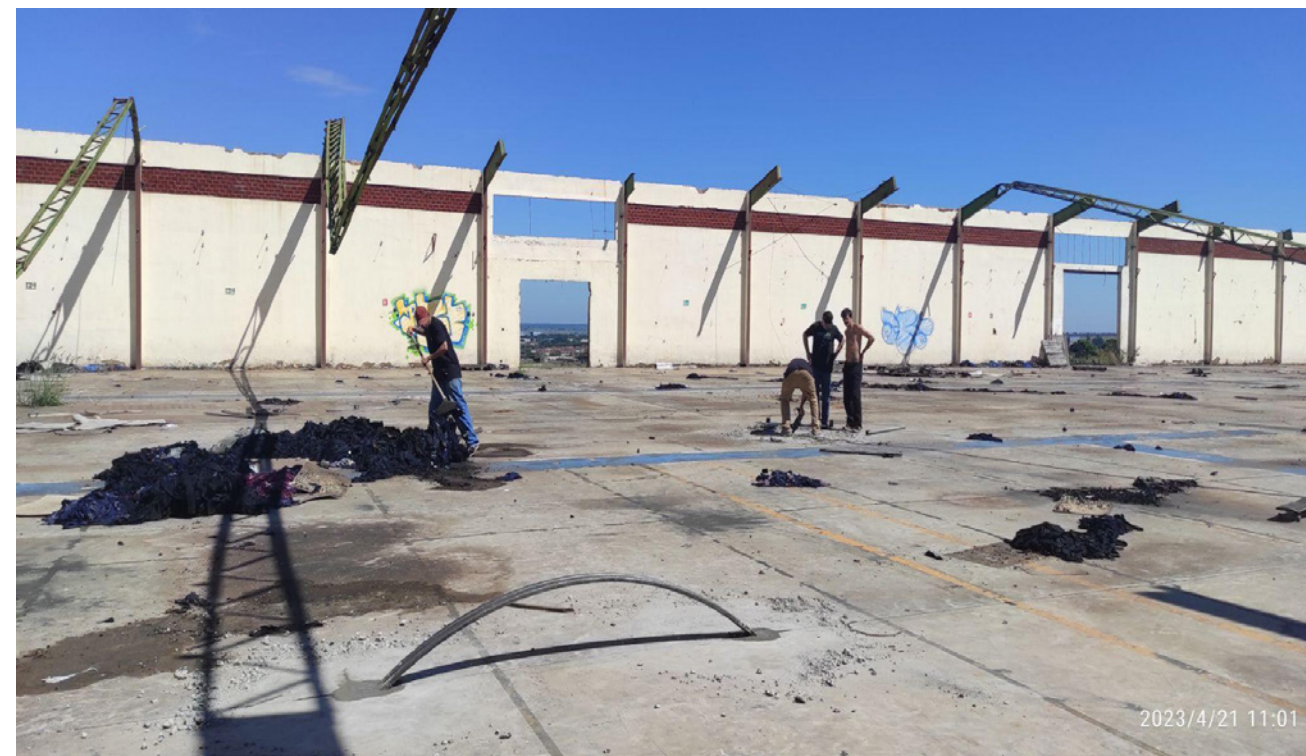


Figura 5 - Registro da primeira intervenção construtiva (DIY) no porto seco/silo desativado (CASEMG), abril de 2023, no Setor Industrial de Uberlândia/MG. Fonte: fotografia dos autores.

desativado. No entanto, essa possibilidade só se tornou prioridade na agenda do coletivo após a destruição do antigo Galpão-DIY.

Pouco antes da demolição do antigo Galpão-DIY, parte das ferragens de alguns obstáculos foi retirada com urgência pelos skatistas. Algumas semanas depois, essas peças foram prodigiosamente restituídas à sua função original na ocupação sucessora, batizada de novo Galpão-DIY.

O ponto de partida foi o feriado de 21 de abril, em comemoração à Inconfidência Mineira, quando skatistas veteranos organizaram a instalação dos obstáculos em um dos galpões da antiga CASEMG, reutilizando as ferragens resgatadas da demolição do antigo Galpão-DIY. A ocasião foi propícia para que a comunidade inaugurasse o *novo pico* no Dia Internacional do Trabalho. Essa primeira ação *DIY* no novo Galpão-DIY começou na madrugada e se estendeu até o sol a pino; com a chegada da Luz, a Fênix levantou voo.

De volta ao começo, o antigo Galpão-DIY

Sobre as origens do comércio atacadista em Uberlândia/MG e região, destaca-se o Grupo Alô Brasil que iniciou suas atividades na cidade, na década de 1960. Nas décadas seguintes, após a construção de Brasília, uma série de fatores, entre os quais, a atuação de grupos empresariais como o Alô Brasil, contribuíram para consolidar Uberlândia/MG como epicentro da distribuição de mercadorias para a região Centro-Oeste. Em 1997, o Grupo Alô Brasil, então proprietário do armazém atacadista Casas Uberlândia, decretou falência, deixando o imóvel entregue ao abandono (Cleps, 2000)

Para os/as skatistas, o atrativo do prédio desativado estava na tipologia arquitetônica, favorável à prática da patinação, à construção de obstáculos, ao encontro coletivo e à convivência. Em uma visita acompanhado de Denise Geribello (arquiteta e professora do PPGAU/FAUeD/UFU), em março de 2023, ela destacou a qualidade construtiva e dos materiais, das pingadeiras, das calhas, da alvenaria, do piso em taco de madeira de duas salas, da fachada das docas e da fachada externa, revestidas de pastilhas

vitricadas verde claro resistentes às intempéries, formando o letreiro em preto forte, grafado sem serifas e em caixa alta, CASAS UBERLÂNDIA.

A edificação do atacadista abandonado possuía um pé-direito bastante alto, em função do acesso de caminhões e armazenamento de estoques empilhados. Um vão livre amplo, com piso extenso, nivelado e resistente, originalmente projetado para suportar o fluxo intenso de cargas e mercadorias. O desnível do terreno, foi resolvido pelos construtores do armazém com rampas suaves, um contrapiso robusto e escadas com piso de degrau generoso.

Além disso, os anos sem a devida capina, transformou boa parte do terreno de 12000m² em uma floresta de leucenas¹², que mesmo crescendo sem controle proporcionavam sombra e frescor. Nessa mesma visita, em conversa informal com o skatista veterano R. Porva¹³, ele afirma “que os projetistas do antigo armazém fizeram uma excelente praça de skate, sem essa intenção” (Uberlândia, 2023).

Os anos de ocupação intensa, de 2007 até 2023, transubstanciaram o espaço desativado e vazio em um lugar de encontro de vários perfis expressivos de artistas da cidade em suas práticas de pixo, de *graffiti*, de *rap*, de *funk* e de uma faixa larga e heterogênea de visitantes. O que vai de encontro à ideia do patrimônio como um processo cultural aglutinador.

Os relatórios etnográficos deste estudo¹⁴ revelam uma diversidade de usos e práticas no antigo Galpão-DIY, como a presença constante de crianças acompanhadas por seus pais, utilizando o lugar como uma alternativa de lazer; ensaios de dança flamenca; equipes produzindo fotos e vídeos de grupos musicais de diversos gêneros, casamentos e ensaios fashionistas. Também foram registradas performances de dança, e também a prática de atividades como *le parkour*¹⁵, patinação e ciclismo. Por fim, identificou-se também o agrupamento de pessoas que frequentavam o *pico* sem justificar um motivo específico.

O movimento organizado para a legitimação do skate de rua como bem cultural em Uberlândia/MG

A tragédia começa com a usurpação de algo que era de todos/as. Em 2023, após 26 anos de abandono, o proprietário legal do imóvel ocupado executou um processo de reintegração de posse para retomar o terreno da comunidade. Skatistas e simpatizantes resistiram por meio de um revezamento em vigília ininterrupta no *pico*.

A mobilização durou quase um mês. E, foi encharcada por violência em um movimento sistemático de negligência dos aparelhos do Estado e da criminalização dos corpos dos/as frequentadores/as do antigo Galpão-DIY. Mas também foi marcada pelo apoio

12 *Leucaena leucocephala* é uma espécie arbustiva da família Fabaceae, amplamente utilizada em projetos de recuperação ambiental e paisagismo urbano devido à sua capacidade de fixar nitrogênio no solo e ao rápido crescimento. Embora tenha usos agroflorestais relevantes, também é considerada espécie exótica invasora em diversos ecossistemas tropicais.

13 Ricardo Oliveira Assis, o Porva, residente em Uberlândia/MG e natural de Cáceres/MT, conquistou o título de campeão mundial do 13º Circuito de *Skateboarding*, o *Mystic Skate Cup* 2006, em Praga.

14 Os registros etnográficos que abastecem esse artigo são os cadernos de campo produzidos entre outono de 2021 e outono de 2023, para a dissertação de mestrado, defendida em 2024. São dois cadernos de campo, o primeiro com anotações em primeira pessoa e fotografias armazenadas em um *smartphone*. E o segundo, um grupo de folhas sulfite tamanho A4 dobrado ao meio. Ambos contêm anotações, interpretações e *insights* resultantes das vivências com as pessoas frequentes nos *picos* de Uberlândia/MG.

15 *Le parkour* é uma prática performática que usa o ambiente construído ou natural como suporte.

da Cozinha Solidária do MTST, da assessoria jurídica do Gabinete do Vereador Dr. Igino (PT) e, igual engajamento de parte da sociedade civil e da comunidade universitária (pela Universidade Federal de Uberlândia).

Nesse contexto de ação política não institucional, como um levante ou uma rebelião, foi criada a ASSOCIAÇÃO GALPÃO SKATE UBERLÂNDIA DO IT YOURSELF (AGSUDIY), com o propósito de articular o movimento de resistência e reconhecimento público da prática do *skateboarding* como atividade cultural.

Porque de acordo com o Art. 3º da Lei nº 11.726, de 30/12/1994 da legislação estadual de Minas Gerais (1994), encontra-se:

Art. 3º-A – A proteção do patrimônio cultural mineiro dar-se-á por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento, desapropriação e outras formas de acautelamento, nos termos dos Arts. 216 da Constituição da República e 209 da Constituição do Estado. (...) IV – a manutenção dos referenciais históricos das comunidades, a fim de proteger-lhes a identidade cultural (Estado de Minas Gerais, 1994).

Para o caso do antigo Galpão-DIY, a proteção do patrimônio cultural mineiro não foi efetivada nem por inventários, nem por registros, nem por vigilância, nem por tombamento e tampouco por desapropriação.

Contudo, no âmbito das políticas públicas, a Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais decretou, por meio da Lei nº 24.651, de 8 de janeiro de 2024:

Art. 1º – Fica reconhecido como de relevante interesse cultural do Estado, nos termos da Lei nº 24.219, de 15 de julho de 2022, o **movimento skatista na cidade de Uberlândia** (grifo dos autores).

Art. 2º – O reconhecimento de que trata esta lei, conforme dispõe o art. 2º da Lei nº 24.219, de 2022, tem por objetivo valorizar bens, expressões e manifestações culturais dos diferentes grupos formadores da sociedade mineira (Estado De Minas Gerais, 2024).

No cenário das discussões sobre patrimônio, sintetizamos as recomendações de “Globinar Novas Abordagens em Patrimônio: Reflexões”: Escutar e acolher as vozes que não foram ouvidas antes, desenvolvendo juntos sistemas de gestão que incluam a periferia, as vozes marginalizadas, os povos indígenas e as comunidades tradicionais” (Schlee, 2021). Há, por parte da comunidade de praticantes de skate, juntamente com fotógrafos, videomakers, músicos, urbanistas, construtores, jornalistas, escritores, ambientalistas, políticos, revolucionários, estudantes e simpatizantes, um movimento que os aglutina em torno da causa.

Ainda dentro das tendências discutidas, tirou-se como “contribuições a serem relevadas que o patrimônio seja centrado nas pessoas e que seja um patrimônio integrado unindo as dimensões tangíveis, simbólicas e afetivas e, também, que haja valorização e proteção dos espaços livres comuns” (Schlee, 2021).

Nesse sentido, reconhecer o movimento “skatista na cidade de Uberlândia como de relevante interesse cultural para o Estado” (Lei nº 24.651, 2024) é bem-vindo, porém insuficiente para completar os processos de criação de sentido e de representação que ocorrem quando se identificam, definem e gerenciam os lugares ou eventos patrimoniais. Dentro do entendimento do patrimônio:

como uma representação subjetiva, na qual identificamos os valores, a memória e os significados culturais e sociais que nos ajudam a dar sentido ao presente, às nossas identidades e nos proporcionam uma sensação de lugar físico e social (Smith, 2011, p. 45).

No contexto dessas duas ocupações na cidade, a da Casas Uberlândia e a da CASEMG, o processo patrimonial revela a representação da identidade e da memória “das vozes marginalizadas” (Schlee, 2021). Pois, além da comunidade do skate de rua, também participam da ativação desses espaços abandonados, outras comunidades, como a do *pixo*, a do *graffiti*, a do *grau*, a do *funk*, a do *rap*, a da *bike* e dos visitantes que se encontram no *pico* pela festa.

E, aqui reafirmamos o adjetivo “insuficiente” para o reconhecimento exclusivo da prática do skate “como de relevante interesse cultural do Estado, nos termos da Lei nº 24.219” (Estado de Minas Gerais, 2024), pois tal exclusividade, além de apagar a participação de outros grupos nos processos de ocupação, também reforça o discurso autorizado de ordenação dos significados políticos e culturais. Atribuir a legitimidade apenas para o movimento skatista, “é obscurecer a construção patrimonial” (Smith, 2011). Os lugares produzidos por essas comunidades, os *pícos*, são abertos para o trânsito e encontro de visitantes. E, independente de reconhecimento ou autorização do Poder Público, fazem toda diferença na vida de muitos *manos* e *minas*.

O novo Galpão-DIY

A ocupação do porto seco/silo CASEMG abandonado deu sequência às atividades do antigo Galpão-DIY. Nesse contexto, a AGSUDIY (Associação Galpão Skate Uberlândia *Do It Yourself*), em nome da comunidade skatista de Uberlândia/MG, publicou e divulgou por meio de redes sociais um vídeo manifesto de ocupação:

Em relação a destruição e a reconstrução do nó central da rede de *pícos* de Uberlândia, o Galpão Skate UDI DIY não morreu, por que não se pode matar uma ideia. O Galpão se materializa, através das nossas práticas. Após a demolição dos obstáculos do primeiro Galpão - aquele espaço entre a avenida Floriano Peixoto e avenida Cesário Alvim - retornou a ser o que era antes da chegada dos skatistas, um vazio urbano atrelado à especulação imobiliária (...) mas, através das táticas de caça, descobrimos um novo *pico* onde podemos materializar novamente o Galpão! (...) o Galpão UDI DIY sempre será uma atitude coletiva de transformação da realidade (AGSUDIY, 2023)¹⁶.

Tal vídeo manifesto, deixa claro o entendimento do “patrimônio como um processo dinâmico que envolve a memória social do grupo, a identidade e senso de lugar”, em uma perspectiva que articula a “seleção de valores e memórias que ajudam a compreender o presente e a construir identidades” (Smith, 2011).

Em fevereiro de 2024, pouco antes da ocupação do novo Galpão-DIY fazer seu primeiro aniversário, foi lançado o programa *Imóvel da Gente*, com o objetivo de destinar o patrimônio ocioso da União para políticas públicas prioritárias voltadas ao interesse social.

¹⁶ Declaração da AGSUDIY em rede social, Uberlândia, 27 de abril de 2023. Fonte: <https://www.instagram.com/reel/CrkCSDEAEuL/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D> Acesso em: 12 maio. 2025.

O alvo do Programa de Democratização de Imóveis da União, Imóvel da Gente, são imóveis sem destinação definida como áreas urbanas vazias, prédios vazios e ocupados, conjuntos habitacionais com famílias não tituladas, além de núcleos urbanos informais com e sem infraestrutura. (...) A iniciativa visa beneficiar áreas como educação, saúde, assistência social, segurança alimentar, cultura e o esporte, priorizando a oferta habitacional (em parceria com o Programa Minha Casa Minha Vida), regularização fundiária, obras de infraestrutura e equipamentos de políticas públicas diversas (Brasil, 2025).

Entre os imóveis contemplados no Estado de Minas Gerais pelo *Imóvel da Gente*, está o terreno, sem operação oficial desde 1998, onde situa-se a ocupação da comunidade skatista, o novo Galpão-DIY.

Antes da falência da estatal da Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas Gerais (CASEMG), o terreno passou para a custódia da União, como adimplemento da dívida da estatal mineira. A possibilidade de concessão do terreno motivou o *Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto* a produzir e apresentar uma projeção para uma possível concessão do terreno para de construção de habitação social batizado de Maria Carolina de Jesus. Em paralelo, naquele semestre letivo, a disciplina de Ateliê de Projeto Integrado de Urbanismo II (90horas) - FAUeD/UFU¹⁷- elegeu as duas glebas da antiga CASEMG como objeto de estudo e a respectiva análise de viabilidade urbanística.

Ambas projeções não se limitam à visão do patrimônio industrial como ruínas do passado e nem como algo hermético, mas sim, na perspectiva de uma patrimonialização que considera os processos de criação de sentido e de representação que incluem os territórios periféricos.

Considerações finais

De uma maneira geral, as transformações dos processos de produção e distribuição de mercadorias impõem atualizações nos modelos das edificações industriais. Esses processos de desindustrialização implicam a necessidade de considerar a reutilização, reconversão e adaptação de antigos edifícios industriais para outras funções.

No caso do armazém atacadista Casas Uberlândia e da CASEMG, essas transformações fazem parte do processo, em parte, para o sucateamento e falência das operações, resultando na desativação e posterior abandono de seus edifícios, pouco antes dos anos 2000. Segundo Cleps (2014, p.28-43), o desenvolvimento da atividade atacadista em Uberlândia/MG, iniciado na década de 1960 e impulsionado pela localização geográfica estratégica da cidade, perdeu grande parte de sua importância na década de 1990.

A ausência de políticas públicas voltadas à refuncionalização, à reativação ou à turistificação (Gagliardi; Carvalho, 2023, p. 273) dos edifícios industriais desativados compromete a continuidade do patrimônio industrial com laços culturais e identidade com as construções originais. Dessa forma, as edificações abandonadas do armazém atacadista Casas Uberlândia e da CASEMG, transformam-se em territórios hostis no tecido urbano ou são destruídas em prol da especulação imobiliária, silenciando a memória e as narrativas associadas a esses patrimônios industriais.

¹⁷ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia.

Os picos de rua têm representado, ainda que de forma frágil e efêmera, uma possibilidade experimental de produção e democratização da cidade, em sentidos opostos à segregação espacial. A expectativa quanto ao destino desses prédios abandonados seria de um enquadramento estéril, não fossem as ocupações experimentais analisadas neste artigo.

Trata-se, aqui, de uma manobra insurgente a fim de produzir a cidade como obra (Lefebvre, 1968). Essa transformação urbana, ainda que efêmera e utópica, em busca pelo efetivo direito à cidade, qualifica o movimento skatista como algo revolucionário.

O coletivo skatista ocupa o espaço abandonado, por meio da festa e da performance do corpo na cidade. Trata-se de uma insurgência transformadora, que altera não apenas a paisagem, mas também da vida urbana, fomentando o potencial do patrimônio industrial e sua continuidade cultural e social.

O estudo desse movimento ilumina o debate a respeito dos direcionamentos do patrimônio industrial como possibilidade de direito público aos ambientes urbanos. Além disso, coloca em pauta o potencial da refuncionalização, reativação, preservação e turistificação (Gagliardi; Carvalho, 2023, p. 273) dos edifícios vazios, bem como da continuidade da memória vinculada ao patrimônio industrial.

Referências

BRASIL. *Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos*. Programa de Democratização de Imóveis da União – Imóvel da Gente. Disponível em: <<https://www.gov.br/gestao/pt-br/assuntos/patrimonio-da-uniao/imoveldagente>>. Acesso em: 11 maio. 2025.

CLEPS, G. D. A origem e o desenvolvimento do comércio atacadista de Uberlândia (MG). *Sociedade & Natureza*, [S. l.], v. 12, n. 23, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/28486>>. Acesso em: 11 maio. 2025.
DOCSKATEUDI. Direção: Humberto Prado. Uberlândia/MG: PMIC, 2022. 1h30min. Filme. Citação direta aos 46min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8tsCBEnFcZE>>. Acesso em: 9 dez. 2024.

ESTADO DE MINAS GERAIS. *Lei nº 11.726, de 30 de dezembro de 1994*. Dispõe sobre a política cultural do estado e dá outras providências. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1994. Disponível em: <<https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/11726/1994>>. Acesso em 23/12/2024.

ESTADO DE MINAS GERAIS. *Lei nº 24.651, de 8 de janeiro de 2024*. Reconhece como de relevante interesse cultural o movimento skatista na cidade de Uberlândia. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 2024. Disponível em: <<https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/24651/2024/>>. Acesso em: 23/12/2024.

GAGLIARDI, Clarissa M. R.; CARVALHO, Mônica de (org.). *Desindustrialização e refuncionalização do patrimônio industrial: debate sobre experiências locais e internacionais*. São Paulo: ECA USP; PIPEq-PUC SP; CNPq; Observatório das Metrópoles, 2023. p. 88-172.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 1969.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadindade*. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2018.tde-26032018-122700. Acesso em: 22 out. 2024.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *A cidade do skate: sobre os desafios da cidadindade*. 1. ed. São Paulo: HUCITEC/CAPES, 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Tribos urbanas: metáfora ou categoria? In: *Cadernos de Campo (USP)*, v. 2, p. 48-51, 1992.

MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lílian de Lucca (org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, 2000.

SCHLEE, Mônica Bahia. *Globinar novas abordagens em patrimônio: reflexões*. Rio de Janeiro: PGPP/FAU/UFRJ, 2021.

SANSÃO, Adriana. *Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2011.

SMITH, Laurajane. El “espejo patrimonial”. Ilusión narcisista o reflexiones múltiples? *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología*, n. 12, 2011, p. 39-63. Disponível em: <<https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/antipoda/article/view/1850>>.

TORQUATO, Douglas de Melo Ferreira. *A filosofia da imanência e a arte do skateboarding*. 2021. 100 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.